



A bola da vez

A Comissão Europeia definiu esta semana o fim dos subsídios ao etanol, criados em 2003. A comissária de Agricultura da UE (União Europeia), Mariann Fischer Boel, conseguiu que sua proposta para acabar com a ajuda de 45 euros por hectare plantado de produtos destinados à produção de etanol fosse aceita pelo braço executivo do bloco. Agora, precisará ter o voto dos 27 países-membros da UE para que a decisão seja implementada. No total, o bloco gastou pelo menos 90 milhões de euros por ano apenas nesse programa, entre 2003 e 2007. Na avaliação da comissária, o etanol é parte da solução energética da Europa.

O dinheiro liberado agora será utilizado para financiar pesquisas no desenvolvimento da segunda geração de biocombustíveis, que teriam um impacto ambiental menor. Para a UE, um motivo estratégico para o uso do etanol é acabar com a dependência na importação do petróleo.

Segundo a comissária, biocombustíveis são uma política de seguro contra futuros problemas de abastecimento. Hoje, 98% do petróleo na UE é importado e o uso do biocombustível é um caminho sem volta. Há cerca de dois anos, a UE anunciou a opção do etanol como solução para vários de seus problemas.

O fim dos subsídios traz novas perspectivas para o mercado brasileiro e, por extensão, para Piracicaba, centro produtor de conhecimento e tecnologia.

Miriam Piedade Bacchi, pesquisadora do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) e professora da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), diz que a decisão da UE tem reflexos sobre o Brasil porque o bloco já é comprador do nosso etanol e esse mercado pode crescer muito.



Nossas perspectivas são muito boas. Ainda temos áreas a serem exploradas, projeção de aumento de produtividade, técnicas mais avançadas, fatores que garantem aumento de produção de cana e de combustíveis.

Ao citar a medida como bastante interessante para o Brasil, a pesquisadora diz que agora só falta os Estados Unidos fazerem alguma coisa nessa direção, já que subsidiam a produção de milho e com esse produzem álcool.

De toda forma, o que se projeta é o aumento da demanda por etanol, o que vai criar um mercado internacional mais expressivo e dar suporte para os preços num contexto de aumento da produção projetada para os próximos anos. E a expansão depende justamente da consolidação do mercado internacional.

Com a perspectiva de que cidades produto-

ras de conhecimento e tecnologia vão ser beneficiadas, se todos os projetos de produção de álcool forem implantados, grande parte será desenvolvida por indústrias de Piracicaba, o que vai gerar renda e impostos.

Claro que no meio do caminho surgem entraves. Nos últimos meses, o debate sobre a produção de etanol se transformou em questionamento. Em uma mensagem ao Brasil e aos Estados Unidos, a UE deixou claro que insistirá em critérios rígidos para a entrada de biocombustíveis que não respeitem o meio ambiente e aspectos sociais.

A UE ainda quer evitar importar etanol que esteja contribuindo para uma distorção no fornecimento de alimentos. O bloco pede que a expansão do etanol, tanto na Europa como no resto do mundo, ocorra com o uso responsável de terras, de forma sustentável.